

A tempestade perfeita no paraíso: Slavoj Žižek diante da crise sem fim

Joelton Nascimento¹

Silvia Ramos Bezerra²

Resumo

Esta intervenção tratará das obras de Slavoy Zizek que investigam o significado e as consequências da atual crise global do capitalismo. Tomando como ponto de partida seu livro *Vivendo nos fins dos tempos* até algumas referências que encontramos em seu livro *Disparities*. Neste interim, Zizek estabeleceu uma série de insights e fragmentos muito fecundos para a compreensão da atual crise. Estes insights e fragmentos serão ainda, nessa intervenção, colocados diante da perspectiva de um limite interno absoluto trazido pelos conceitos da Nova Crítica do Valor. Estes trechos analisados por nós se dividem em: livros curtos e densos, escritos no calor dos acontecimentos analisados, tais como *Primeiro como tragédia, depois como farsa*, *O ano que sonhamos perigosamente* e *Problemas no paraíso*; e abordagens oblíquas em suas obras teóricas mais amplas e gerais como em *Menos que nada*, *Absolute Recoil* e *Disparities*. Ao longo destes textos, é possível observar que Zizek vem dando passos no sentido de sair do empasse teórico por ele mesmo anteriormente identificado com o conceito de paralaxe marxista. Neste sentido, paralaxe marxista pode ser entendida como a compreensão em panorama que enxerga, sob perspectivas diversas um mesmo fenômeno: de um ângulo, a economia em crise; e de outro, as reações políticas diante das consequências desta crise.

Palavras-chave: crise, Žižek, capitalismo, Nova Crítica do Valor

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, membro do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia. joelton.nascimento@gmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação, membro do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia. silviaramosbezerra@hotmail.com

The perfect storm in paradise: Slavoj Žižek facing the endless crisis

Abstract

This intervention will deal with the works of Slavoj Žižek who investigate the meaning and consequences of the current global crisis of capitalism. Taking as his starting point his book *Living at the End of the Age* until some references that we find in his book *Disparities*. In the meantime, Žižek has established a series of very fecund insights and fragments for understanding the current crisis. These insights and fragments will still be, in this intervention, placed before the perspective of an absolute internal limit brought by the concepts of the New Critic of Value. These passages analyzed by us are divided into: short and dense books, written in the heat of the events analyzed, such as *First as tragedy, then as farce*, *The year that we dream perilously* and *Problems in paradise*; And oblique approaches in his broader and more general theoretical works as *Less Than Nothing*, *Absolute Recoil* and *Disparities*. Throughout these texts, it is possible to be observed that Žižek has been taking steps in order to leave the theoretical impasse previously identified with the concept of Marxian parallax. In this sense, Marxist parallax can be understood as the understanding in panorama that sees, under different perspectives, the same phenomenon: from an angle, the economy in crisis; And on the other, the political reactions to the consequences of this crisis.

Key-words: crisis, Žižek, capitalism, New Value-Critic.

Introdução

O começo da crise atual do capitalismo global já está tão longe que é possível traçar algumas historietas sobre ela³. Assim como a pergunta comumente feita “o que você estava fazendo em 11 de setembro de 2001?”, quando vivemos uma ruptura de época na forma de um choque de violência, também é possível perguntar hoje em dia, “o que se estava pensando sobre o capitalismo em 2008?” quando este se fissurou e, até hoje, não mais se restabeleceu em seu próprio eixo, sendo ainda uma questão aberta se isto será possível no futuro.

É mais ou menos nesse sentido que, *en passant*, Anselm Jappe, um dos mais importantes autores da Nova Crítica do Valor (doravante NCV), em 2010 faz uma alusão a Alain Badiou, Antonio Negri e Slavoj Žižek, afirmando que estes autores pouco tinham a dizer sobre o caráter de ruptura de época que esta crise particular representava. Escreveu Anselm Jappe o seguinte (o trecho é longo, mas vale a pena repassar):

Mas no auge da crise de 2008, a mídia se sentiu obrigada a dar de vez em quando a palavra àqueles que tinham uma interpretação “anticapitalista”; portanto, àqueles que apresentavam essa crise como o signo de uma disfunção mais profunda, e eles não perdiam a oportunidade de fazer chamados a “mudanças radicais”. Enquanto o “Novo partido anticapitalista” e seus congêneres proclamavam, evidentemente, “nada pagar pela crise deles”, tirando de seus sótãos panfletos que tinham sobrado das manifestações de dez, vinte ou trinta anos antes, os representantes mais conhecidos do que é hoje considerada uma crítica implacável da sociedade contemporânea – isto é, Badiou, Žižek, Negri – tiveram direito a palanques maiores que de costume na imprensa ou, de qualquer maneira, sentiram que suas análises estavam indo de vento em popa. Não deixa de ser um pouco surpreendente que a possibilidade de uma crise de maior envergadura do capitalismo, provocada não por uma resistência dos “explorados” ou da “multidão”, mas por um entrave na máquina, não esteja em absoluto prevista em suas análises. E de fato, também explicaram, à

³ Embora teoricamente podemos lhes contrapor argumentos em diversos de seus movimentos, parece-nos muito adequada a designação dada a crise por John Bellamy Foster e Robert W. McChesney, à queima-roupa, de “crise sem fim” [*endless crisis*] (2012). Esta é a principal característica da presente crise, ela parece nunca chegar ao “fundo do poço” de onde poderia advir o impulso para um novo avanço capitalista.

sua maneira, que é preciso circular e que não tem nada a ver; que é uma crise como qualquer outra, que passará como as outras passaram, porque a crise é o fundamento normal do capitalismo. Mas o que eles chamam de crise – o desabamento das bolsas, a deflação mundial – não passa, na verdade, de um conjunto de fenômenos secundários. São manifestações visíveis, a expressão na superfície, da crise verdadeira em que eles próprios não conseguem pensar. (JAPPE, 2013, p. 39-40).

Vamos deixar em suspenso aqui o alcance da crítica de Jappe a Alain Badiou e a Toni Negri para nos concentrar apenas em sua incidência no filósofo esloveno. No que diz respeito a Žižek, parece-nos que tem razão parcialmente Jappe: de fato, houve um esforço teórico-crítico de décadas (do qual Jappe fez parte) que concebeu a possibilidade de uma crise que faria o capitalismo atingir seus estertores e que, portanto, sustentou-se a tese segundo a qual as próximas dores do sistema global produtor de mercadorias seriam agônicas, terminais, enquanto que Žižek, por outro lado *nunca* havia dirigido sua atenção teórica para qualquer crise econômica que aparecesse como um limite interno – ao menos *até aquele ponto de sua obra*⁴.

Contudo, dizemos “parcialmente” pois há diversos elementos implícitos em toda a obra žižekiana que podem levar boa quantidade de água para o moinho da teoria crítica do limite interno absoluto do capitalismo. É o que sustentaremos nessa oportunidade⁵. A nosso ver, o Jappe descarta muita coisa importante para seus próprios propósitos ao “rifar” o Žižek tão barato. Não estamos dizendo, como alguém da “turma-do-deixa-disso” que o Jappe foi duro demais com seu companheiro da crítica social radical. Não é isso. O que estamos dizendo é que há muitos aspectos ricos e importantes em Žižek que poderiam ser muito bem aproveitados pela NCV e, portanto, dispensá-los seria desarrazoado. Além disso, sustentaremos que depois do texto de Jappe (2010) os escritos de Žižek trazem uma série de novos *insights* a esse respeito, que parecem indicar a necessidade de uma reavaliação do significado teórico-crítico da crise do capitalismo para o filósofo esloveno.

⁴ Os textos de *Crédito à Morte* (JAPPE, 2013) são originalmente datados de 2007 a 2010.

⁵ Este estudo continua uma reflexão que relaciona a NCV à filosofia da psicanálise de Slavoj Žižek, realizada em (Nascimento, 2014) e (Nascimento, 2015a). Para os que não estão familiarizados com a NCV, Cf. (Nascimento, 2015b) e (Jappe, 2006).

Sobre alguns companheiros de percurso

Há diversos elementos na obra de Slavoj Žižek, anteriores a 2010, que podem ser importantes aliados no esforço da NCV e de sua defesa do limite interno do capitalismo. Um destes elementos é o recurso deste filósofo a alguns dos companheiros de percurso da NCV, como, por exemplo, Alfred Sohn-Rethel, autor bem pouco visitado em círculos marxistas até hoje. Desde sua primeira obra de grande repercussão em língua inglesa, *O Sublime Objeto da Ideologia* ([1989], 2008), encontramos uma forte e decisiva presença de Sohn-Rethel⁶ e de sua discussão acerca do conceito de *abstração real*, fundamental, como se sabe, para a NCV, pois é capaz de auxiliar na definição da incidência das categorias sociais do valor e seus modos de atuação na sociedade e nos sujeitos⁷.

Já desde as primeiras obras de repercussão de Žižek encontramos algumas referências a autores da Nova Leitura de Marx, especialmente Helmut Reichelt, mas também um constante e multifacetado recurso (crítico, sem dúvida) à Escola de Frankfurt e ao jovem Georg Lukács, além dos filósofos do idealismo alemão⁸, todos eles companheiros também de percurso da NCV. Associando-se isso ao criativo retorno a Lacan, temos na obra de Žižek, desde seu início altamente repercussivo, no fim dos anos 80, uma re colocação do problema do *fetichismo*, onde forma social, categorias de pensamento e subjetivação se entrecruzam de modo ainda não abordado pelo marxismo. Ora, a reconsideração do problema do fetichismo é um dos carros chefe da NCV, como se sabe. A nosso ver, portanto, há suficientes companheiros comuns de percurso para que um debate frutífero entre o lacanismo esloveno e a NCV possa se dar, em proveito de uma melhor compreensão dos problemas e dilemas de nosso tempo.

Crítica de tipo “guarda municipal”

Um livro de Žižek que se enquadra muito bem na crítica que lhe dirige Jappe na *Introdução* deste artigo é *Primeiro como tragédia, depois como farsa* de 2009. É o primeiro livro no qual o filósofo esloveno trata diretamente da crise, então em seu ponto

⁶ Por exemplo, ([1989], 2008, p. 9-15).

⁷ Cf. a respeito do conceito de abstração real, (TUPINAMBÁ, 2012a), (TUPINAMBÁ, 2012b) que já leva em consideração tanto a filosofia da psicanálise žižekiana quanto as teses da NCV.

⁸ Cf., especialmente (ZIZEK & GABRIEL,

mais agudo (por enquanto). Nele, Žižek faz uma conversa bastante trivial com economistas do *mainstream*, como Joseph Stiglitz (ignorando, por exemplo, Nouriel Roubini, um dos poucos economistas do *mainstream* a antever a crise). Ele retoma ainda o livro de Naomi Klein, *A Doutrina do Choque*, para sustentar que o desfecho da crise dependerá fundamentalmente de como ela será “simbolizada” ideologicamente (2011, p. 28 e ss.). Também neste livro ele faz uma crítica bastante equivocada de Moishe Postone, que lembramos *en passant*, afirmando que:

Essa parece ser a conclusão de alguns esquerdistas, como Moishe Postone e seus colegas: já que toda crise que abre espaço para a esquerda radical dá origem ao antissemitismo, o melhor para nós é apoiar o capitalismo bem-sucedido e torcer para que não haja crises. Levado à conclusão lógica, esse raciocínio implica que, em última análise, o anticapitalismo como tal é antissemita (2011, p. 70).

Para qualquer um que leia os escritos de Postone sobre a relação entre capitalismo e antissemitismo a conclusão a que chega Žižek não é nada “lógica”. De mais a mais, a ideia de Žižek de que a crise deva ser vista apenas de modo “tático”, como uma oportunidade a ser explorada sem limites no campo ideológico, é claro indicativo que para ele não há muito interesse em se aprofundar em suas causas econômicas subjacentes. Como bem disse Jappe no trecho citado, “é preciso circular”, não tem “nada a ver”. É o que aqui chamamos de abordagem de tipo “guarda municipal”. Esta abordagem considera a crise como epifenômeno, como fenômeno derivado, como algo a ser disputado pelo antagonismo, que de fato decidirá para onde rumam verdadeiramente as coisas.

De paraíso e de céu azul

Em *Vivendo no fim dos tempos*, de 2011, Žižek volta novamente sua atenção ao problema da crise econômica e de suas repercussões sociais. Nele encontramos também, e talvez não por acaso, uma reconsideração mais plausível de Postone e da importância de sua releitura de Marx, em um capítulo onde ele sugere a importância de uma reconstrução da crítica da economia política⁹.

⁹ Que tivemos oportunidade de estudar em (Nascimento, 2014).

O contexto da abordagem de tipo “guarda municipal” da crise, todavia, começa a se dissipar, a nosso ver, somente em 2014, com a publicação de *O Recuo Absoluto* [Absolut recoil] (2014) além de *Problemas no Paraíso* (2014).

Em *O Recuo Absoluto* Žižek associa criativamente a filosofia dialética hegeliana com a existência sistêmica da sociedade produtora de mercadorias, associação também feita muito enfaticamente por Jappe e demais autores e autoras da NCV. Após tais reflexões, ainda na *Introdução* da obra, ele chega à seguinte conclusão:

É aqui que podemos discernir também o erro fundamental de Marx: ele viu como o capitalismo destravou a dinâmica vertiginosa da produtividade que se autoaprimora; por outro lado, ele também percebeu claramente como esta dinâmica é impulsionada por seu próprio obstáculo ou antagonismo – o limite último do capitalismo (da produtividade que se autoimpulsiona) é o Capital ele mesmo; o próprio desenvolvimento e revolucionamento de suas próprias condições materiais, a dança maluca de sua espiral incondicionada de produtividade é, em última análise, nada além de uma tentativa de escapar de sua própria debilitante contradição inerente. O erro de Marx foi concluir que uma nova e superior ordem social (comunismo) era possível, uma ordem que não iria apenas manter mas iria levar a um grau ainda mais alto a dinâmica da produtividade que, no capitalismo, por conta de sua contradição inerente, é uma vez após outra frustrada pelas crises econômicas destrutivas. Em suma, o que Marx subestimou foi a contradição inerente como “condição de impossibilidade” do inteiro desenvolvimento das forças produtivas é simultaneamente sua “condição de possibilidade”: se abolirmos o obstáculo, a contradição inerente ao capitalismo, então longe de liberarmos inteiramente a pulsão da produtividade, perderemos precisamente esta dinâmica que parece ser gerada e simultaneamente frustrada pelo capitalismo. Se removermos o obstáculo, o próprio potencial frustrado pelo obstáculo se dissipa (aqui residiria uma possível crítica lacaniana de Marx, focando na ambígua sobreposição entre mais-valia e mais-gozo) (2014, p. 38).

Esta passagem bem poderia ser o início de um estudo da atual “crise sem fim”, ao invés de uma consideração sobre a obra de Marx. Isto porque esta passagem poderia ser ponto de partida para esclarecer uma série de questões importantes sobre aquilo que Alain Badiou chamou de “hipótese comunista”. A nosso ver, o que podemos apreender daqui é o quanto uma superação positiva do capitalismo não pode ser um “elo” de uma corrente da história da produtividade industrial humana – hipótese que Lênin, por exemplo, foi um incansável defensor. E aqui está mais um paradoxo žižekiano: a exaltação constante dos “gestos” de Lênin e uma crítica implícita constante do conteúdo econômico-político do

leninismo. Os gestos políticos do Lenin revolucionário não foram bem-sucedidos pois tinham o conteúdo econômico-político cujo tempo havia chegado? Isto é, seria mesmo possível pensar de maneira apartada o gesto político de Lênin dos conteúdos econômico-políticos do bolchevismo? Questões abertas. Boas questões.

Problemas e trovões

Em *Problema no Paraíso*, também de 2014, a compreensão žižekiana do estado de crise do capitalismo também se firma em algumas bases diferentes. Separamos um fragmento aqui, que testemunha o quanto Žižek se aproxima das teses da NCV e, portanto, de como a crítica que lhe dirige Jappe, que há pouco denominamos como uma abordagem de “guarda municipal” sobre a crise (“vamos circular, não tem nada para olhar aqui”), precisa ser reavaliada. Segue o trecho:

Estariamos exagerando aqui no que se refere a substancializar a economia? Seria fácil realizar a operação desconstrucionista padrão na “economia” e afirmar que não existe Economia como campo substancial unificado, que o que designamos como “economia” é um espaço inconsistente atravessado por uma multiplicidade de práticas e discursos: da produção material da mão de obra primitiva à produção automatizada, operações monetárias, máquinas publicitárias, intervenções dos aparelhos de Estado, regulações e obrigações legais, sonhos ideológicos, mitos religiosos, histórias de dominação, sofrimento e humilhação, obsessões privadas com saúde e prazer e assim por diante. Embora isso seja inegavelmente verdadeiro, existe, não obstante, não uma “essência” mais profunda da economia, mas algo como um “matema” do capital, uma matriz formal de sua autorreprodução, como a que Marx tentou elaborar em *O Capital*. Esse matema, essa matriz formal trans-histórica e transcultural, é o “real” do capital: aquilo que permanece o mesmo através de todo o processo do capitalismo global, cuja loucura se torna palpável em momentos de crise. (...) Numa crise não é – como seria de esperar – o dinheiro que perde seu valor, de modo a precisarmos recorrer ao valor “real” das mercadorias; as próprias mercadorias (a encarnação do “valor [de uso] real”) tornam-se inúteis, pois não há ninguém para compra-las (...) Não significaria isso que nesse momento, longe de se desintegrar, o fetichismo é plenamente corroborado em sua loucura direta? Na crise, a crença subjacente, repudiada e apenas praticada, é assim diretamente corroborada. E o mesmo é válido para a atual crise permanente, à qual uma das reações espontâneas é recorrer a alguma orientação pragmática: “Dívidas devem ser

pagas!”, “Você não pode gastar mais dinheiro do que produz!” ou algo semelhante – e essa, é claro, a pior coisa que se pode fazer, uma vez que dessa maneira se é apanhado numa espiral descendente (2015, p. 37-38).

Ora, encarar a crise capitalista atual como uma realização da substância fetichista da economia capitalista, como Žižek faz em 2014 *é muito diferente* de encará-la na chave de um evento que pode ser percebido a depender mormente das disputas simbólicas e antagônicas em curso, como ele o faz em 2009. Parafrazeando o próprio Žižek do fragmento acima, não é que os desfechos da crise não dependam de como ela será percebida na disputa ideológica em curso, mas sim que existe algo como uma substância, (um “matema” do capital”, em lacanês žižekiano) uma matriz formal de reprodução do capital que não oscilará nas disputas ideológicas, que tem uma “objetividade” própria, que sucede nas “costas dos sujeitos”, que implica que tais disputas mantêm-se nos limites desta matriz, decidindo-se apenas acerca das nuances da espiral descendente que dela resulta.

Assim, não é mais plausível uma abordagem de “guarda municipal”: há sim muito a se ver na situação de crise. O capitalismo como sistema produtor de mercadorias é finito e sua decomposição não pode ser indefinidamente postergada. Embora Žižek nunca chegue a admitir isso, ele parece ir ao encontro de algo semelhante ao conceito kurziano de “limite interno absoluto” da autorreprodução do capital. Acentue-se o “parece”.

Considerações finais

Evidencia-se claramente que entre *Primeiro como tragédia, depois como farsa* (2009) e *Problema no paraíso* (2014), passando por *Vivendo no fim dos tempos* (2011), vemos importantes diferenças na análise žižekiana da crise capitalista. Ele parece sair de uma primeira apreensão “taticista”, onde a crise aparece como uma oportunidade aberta às disputas simbólicas e ideológicas, (leia-se, luta de classes, onde a classe dominante oferece a doutrina do choque kleiniana e as classes exploradas têm a oportunidade de oferecer outra coisa), para uma apreensão distinta, que compreende o caráter de matriz formal do capital, o caráter “substancial” de seu fetiche e o aspecto objetivo de sua espiral descendente.

Contudo, quando se trata de Žižek nada parece estar garantido. Em um livro mais recente, ele não deixa dúvidas de que, se os termos do debate fossem colocados como nós os colocamos aqui, ele sustentaria claramente sua abordagem de 2009, a despeito da de 2014. Senão, vejamos:

Nós podemos efetivamente imaginar a ideologia como um sistema autopoietico que encontra um problema quando as perturbações externas são tão grandes que não podem mais ser interpretados em sua estrutura – digamos, a situação da Rússia no começo de 1917 era tal que não era mais possível para a ideologia dominante integrar (ou para considerar em seus próprios termos) as perturbações “externas” (não-discursivas) – os custos da guerra que eram mais e mais percebidas como sem sentido; a insatisfação dos camponeses sem-terra). Os bolcheviques impuseram um quadro ideológico inteiramente diferente que foi bem-sucedido em integrar e considerar estas perturbações pré-discursivas. Hitler foi bem-sucedido de um modo similar no início dos anos 30, ao impor uma nova estrutura ideológica que considerou as perturbações não-ideológicas que afetaram a Alemanha naquele tempo (crise econômica, desintegração moral, etc.). A lição desses exemplos é que, embora alguém devesse incluir na análise perturbações externas (trans-ideológicas), o fator crucial é como estas perturbações serão consideradas (simbolizadas) em um edifício ideológico. Nas lutas da Alemanha, Hitler venceu a leitura comunista alternativa da crise; sua vitória foi, é claro, também um produto de fatores extra-ideológicos (a força bruta estatal o apoiava em sua maioria, ele tinha maior acesso aos recursos financeiros, etc.) mas o momento crucial foi a obtenção da hegemonia ideológica (2016, p. 64).

A nosso juízo, não é que Žižek esteja errado aqui: sem dúvida que a disputa ideológica sobre a crise é “crucial”, todavia, colocando o esloveno para dialogar consigo mesmo “*existe, não obstante, não uma ‘essência’ mais profunda da economia, mas algo como um “matema” do capital, uma matriz formal de sua autorreprodução, como a que Marx tentou elaborar em O Capital*”, sendo assim, há que se considerar que o conflito ideológico que não levar isso em consideração pode ser, como brilhantemente advertiu o filósofo, “*apanhado numa espiral descendente*”.

Não é o que estamos vivendo em toda a esquerda hoje?

Referências bibliográficas

FOSTER, John Bellamy; McCHESNEY, Robert W.. *Endless crisis*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2012.

JAPPE, Anselm. *As Aventuras da Mercadoria*. Por uma Nova Crítica do Valor. Tradução: José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006.

_____. *Crédito à Morte*. A decomposição do capitalismo e suas críticas. Tradução: Robson J. F. Oliveira. São Paulo: Hedra, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. *The sublime object of ideology*. Londres/Nova Iorque: Verso, [1989], 2008.

_____. *Absolut Recoil*. Towards a new foundation of dialectical materialism. Londres/Nova Iorque: Verso, 2014.

_____. *Problema no paraíso*. Do fim da história ao fim do capitalismo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

_____. *Disparities*.